

EVAN OSNOS

A era da ambição

*Em busca da riqueza, da verdade e da fé
na nova China*

Tradução

Berilo Vargas

Christina Baum



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2014 by Evan Osnos
Copyright do mapa © 2014 by Jeffrey L. Ward

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Age of Ambition: Chasing Fortune, Truth, and Faith in the New China

Capa

Nayon Cho

Foto de capa

Sim Chi Yin

Preparação

Alexandre Boide

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Osnos, Evan

A era da ambição: em busca da riqueza, da verdade e da fé
na nova China / Evan Osnos; tradução Berilo Vargas, Christina
Baum. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: Age of Ambition: Chasing Fortune, Truth, and
Faith in the New China.

ISBN 978-85-359-2555-5

1. China — Civilização 2. China — Condições econômicas —
2000 — 3. China — Condições sociais 4. China — Desenvolvimento
econômico 5. China — História 6. China — Política e governo I.
Título.

15-00700

CDD-951

Índice para catálogo sistemático:

1. China: História

951

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo	11
---------------	----

PARTE I — RIQUEZA

1. Libertos.....	21
2. O chamado	34
3. Batizados na civilização.....	52
4. Apetites da mente	73
5. Não mais um escravo	86
6. Competição feroz	108
7. Gosto adquirido.....	134

PARTE II — VERDADE

8. Dançar com grilhões	163
9. A liberdade guiando o povo.....	183
10. Milagres e máquinas mágicas.....	208
11. Um coro de solistas.....	227
12. A arte da resistência	251

13. Sete frases.....	268
14. O germe no galinheiro.....	285
15. Tempestade de areia	299
16. Tempestade de raios.....	318
17. Tudo que reluz.....	339
18. A difícil verdade	361

PARTE III — FÉ

19. O vazio espiritual.....	379
20. Passando reto.....	402
21. Cultivo da alma	420
22. Guerras culturais	436
23. Verdadeiros crentes	456
24. Fuga.....	470

Epílogo.....	489
--------------	-----

<i>Notas sobre as fontes</i>	511
<i>Agradecimentos</i>	527
<i>Índice remissivo</i>	532

PARTE I
RIQUEZA

1. Libertos

16 DE MAIO DE 1979

Sob a lua prateada, numa ilha da costa chinesa, um capitão do Exército de 26 anos escapuliu do seu posto e dirigiu-se para a beira do mar. Andou com a maior calma possível pelo pinheiral até uma saliência de onde se avistava a praia. Caso seu plano fosse descoberto, ele cairia em desgraça e seria executado.

O capitão Lin Zhengyi era um soldado modelo, um dos jovens oficiais mais renomados do Exército de Taiwan, a província insular governada pelos adversários do Partido Comunista chinês. Fazia três décadas que Taiwan contestava o controle comunista, e o capitão Lin era um símbolo dessa resistência: na universidade, fora aluno brilhante e abandonara a tranquila vida de civil para ingressar nas Forças Armadas, decisão tão incomum que o futuro presidente de Taiwan fez questão de apertar-lhe a mão, e a fotografia apareceu em todos os jornais, transformando Lin em garoto-propaganda do “Sagrado Contra-Ataque”, o sonho de retomar a China continental.

Lin Zhengyi (pronuncia-se “Jung-yi”) tinha mais de 1,80 metro, postura ereta, nariz largo e achatado, e orelhas protuberantes que se destacavam da aba do chapéu. Em virtude de sua dedicação, foi designado para o lugar mais delicado da linha de frente: a minúscula ilha de Quemoy, conhecida em mandarim como Jimmen, a menos de dois quilômetros da pedregosa costa da China continental.

Mas o capitão Lin guardava um segredo tão perigoso para si e para sua família que não ousou revelá-lo nem à própria mulher, que ficara em casa com um filho e grávida do segundo. Ele percebera a importância do momento histórico que começava a ocorrer ao seu redor. Depois de trinta anos de turbulência, a China fazia um apelo ao povo de Taiwan para que voltasse a juntar-se à “grande Pátria-Mãe”. Qualquer soldado que tentasse desertar para o continente seria abatido a tiros no ato. Pouquíssimos tentaram, e as consequências disso estavam frescas na memória; o caso mais recente ocorrera menos de um mês antes. Mas Lin ouvira o chamado. Tinha certeza de que a China voltaria a prosperar, e de que ele prosperaria com a China.

No escuro, ele encontrou o caminho arenoso que poderia conduzi-lo a salvo pela ladeira da encosta infestada de minas terrestres. O vento do mar tinha entortado os nodosos pinheiros da ilha. A água, de um tom brilhante e cristalino de verde durante o dia, agora era uma infinita massa negra, subindo e descendo com as ondas. Para repelir uma invasão, as praias tinham sido equipadas com longas lanças de metal que se erguiam da areia, voltadas para o mar.

Pouco antes de sair do abrigo das árvores para descer até a praia, o capitão afrouxou os cadarços dos sapatos e sentiu com os pés descalços o solo e as pedras. Estava pronto para abandonar os companheiros de farda, a família e o próprio nome.

Praticamente todos os que tentaram atravessar a nado aquelas águas tinham seguido na direção oposta. Em 1979, a China continental era um lugar de onde as pessoas fugiam.

No século XVIII, a China imperial controlava um terço da riqueza mundial; suas cidades mais desenvolvidas eram prósperas e comercialmente poderosas como a Grã-Bretanha e a Holanda. Mas, nos séculos XIX e XX, a China foi duramente castigada pela invasão, pela guerra civil e pela sublevação política. Depois de tomar o poder, em 1949, o Partido Comunista pôs em prática uma campanha de “reforma agrária” que agrupou pequenas propriedades familiares em terras coletivas, o que levou à matança de milhões de proprietários e inimigos reais ou imaginários. Em 1958, o presidente Mao lançou o Grande Salto para a Frente, uma tentativa de ultrapassar a Grã-Bretanha em apenas quinze anos. Alguns conselheiros lhe disseram que era impossível, mas ele os ignorou e humilhou; o chefe da comissão nacional de tecnologia pulou de uma janela. Os propagandistas saudavam uma colheita fantástica após outra, chamando-as de “safras Sputnik”, comparáveis ao êxito do satélite artificial soviético. Mas os números eram inventados, e quando a fome se espalhou pelo país muitos dos que se queixavam eram torturados ou mortos. O partido impedia que as pessoas viajassem à procura de alimento. O Grande Salto para a Frente de Mao resultou na mais grave epidemia de fome do mundo, matando de 30 milhões a 45 milhões de pessoas, mais do que a Primeira Guerra Mundial. Na época em que o capitão Lin fugiu de Taiwan, a República Popular era mais pobre do que a Coreia do Norte; sua renda per capita equivalia a um terço da encontrada na África Subsaariana.

Deng Xiaoping era o principal líder da China havia menos de seis meses. Aos 75 anos, era um estadista de discurso convincente, mas brusco, e um sobrevivente — duas vezes expurgado da

cúpula de líderes pelo presidente Mao, duas vezes readmitido. Nos anos que se seguiram, com frequência foi descrito como o único arquiteto do boom econômico, mas essa visão foi fabricada pelos historiadores do partido. Deng compreendia as limitações de seus próprios conhecimentos. Em questões de economia, sua medida mais astuta foi juntar-se a Chen Yun, outro patriarca do partido tão cético em relação ao Ocidente que contemplou a ideia de reforma relendo *Imperialismo*, de Lênin; e a Zhao Ziyang, um chefe mais jovem e mais progressista do partido, cujos esforços para diminuir a pobreza deram origem a um ditado entre os camponeses: “Se quiser comer, procure Ziyang”.

A mudança, quando aconteceu, veio de baixo. No inverno anterior, na aldeia de Xiaogang, a visão econômica de Mao empobrecera os agricultores a ponto de eles pararem de cultivar a terra comunal e recorrerem à mendicância. Em desespero, dezoito agricultores dividiram a terra e puseram-se a cultivá-la separadamente; estabeleceram um cronograma próprio, e tudo que sobrasse da cota exigida pelo Estado vendiam e embolsavam os lucros. Firmaram um pacto secreto para proteger as respectivas famílias em caso de prisão.

No ano seguinte, sua renda cresceu cerca de vinte vezes. Descoberta a experiência, burocratas os acusaram de “destruir a pedra angular do socialismo”, mas líderes mais sensatos permitiram que o plano fosse adiante e abrangesse 800 milhões de agricultores em todo o país. A volta à agricultura “familiar”, como ficou conhecida, espalhou-se com tanta rapidez que um agricultor a comparou a um germe num galinheiro. “Quando as galinhas de uma família pegam a doença, toda a aldeia pega. Quando uma aldeia pega, todo o país é infectado.”

Deng e os demais líderes viviam em conflito, mas a combinação do carisma de Deng com a relutância de Chen em andar

depressa demais e a competência de Zhao foi fantasticamente bem-sucedida. O modelo que criaram durou décadas: uma “economia de gaiola”, como Chen Yun passou a chamá-la, arejada o suficiente para que o mercado se desenvolvesse, mas não tão livre que lhe permitisse fugir. Quando eram jovens revolucionários, aqueles anciãos tinham supervisionado a execução de proprietários de terra, o confisco de fábricas e a criação das comunas populares. Mas agora preservavam seu poder virando a revolução de cabeça para baixo: permitiram a iniciativa privada e abriram uma janela para o mundo exterior, ainda que com isso, como dizia Deng, “alguns mosquitos” entrassem. As reformas chinesas não seguiam um plano fixo. A estratégia, segundo Chen Yun, consistia em andar sem perder o controle — “atravessar o rio tateando as pedras com os pés”. (Deng, como sempre, acabou ficando com o crédito por essa expressão também.)

Em 1979, o partido anunciou que não usaria mais os termos “proprietários de terra” e “camponeses ricos” para rotular as pessoas e, mais tarde, Deng Xiaoping removeu o último estigma: “Que alguns enriqueçam antes”, disse ele, “e pouco a pouco todos enriquecerão juntos”. O partido ampliou sua experiência econômica. Oficialmente, empresas privadas só podiam ter até oito empregados — Marx achava que firmas com mais de oito trabalhadores eram exploradoras —, mas as pequenas empresas começaram a pipocar tão depressa que Deng Xiaoping comentou com uma delegação iugoslava que era “como se um estranho exército tivesse surgido do nada”. Mas ele não reivindicou o crédito por isso. “Não se trata de uma conquista do nosso governo central”, afirmou.

Em todo o país, as pessoas estavam saindo das fazendas coletivas que até então condicionavam sua existência. Ao comentar o assunto, diziam ser “songbang” — libertos —, termo usado comumente para prisioneiros ou animais liberados do cativeiro. Come-

çaram a falar em política e democracia. Mas Deng Xiaoping tinha seus limites. Em março de 1979, não muito tempo antes de Lin Zhengyi mergulhar em sua aventura para o continente, Deng dirigiu-se a um grupo de altos funcionários e perguntou: “Será que podemos tolerar esse tipo de liberdade de expressão que claramente transgride os princípios de nossa Constituição?”. O partido jamais adotaria a “democracia individualista”. Haveria liberdade econômica, mas com controle político. Para que a China progredisse, era preciso que existissem limites à “emancipação da mente”.

Quando as mudanças começaram a medrar no continente, Lin Zhengyi pôs-se a observar de longe. Nascera em 1952, três anos depois de Taiwan e o continente iniciarem a disputa ideológica que duraria décadas. Depois de perder a guerra civil da China para os comunistas, em 1949, o Partido Nacionalista fugiu para a ilha de Taiwan, onde impôs lei marcial no arquipélago e preparou-se, em tese, para o dia em que pudesse retomar o poder no continente. A vida em Taiwan era difícil e circunscrita. Lin cresceu no exuberante delta fluvial de Yilan, região remota da principal ilha de Taiwan. Sua família descendia de migrantes que tinham deixado o continente havia mais tempo. As recém-chegadas forças nacionalistas viam esses primeiros migrantes como gente de classe baixa, politicamente indigna de confiança, e eles sofriam discriminação generalizada no trabalho e na escola.

Seu pai, Lin Huoshu, tinha uma barbearia, e sua mãe lavava roupa para fora. A família vivia num barraco na periferia da cidade. Mas o pai transmitiu aos filhos ensinamentos sobre ciência e política chinesas, sobre uma civilização outrora tão adiantada que começara a imprimir livros quatrocentos anos antes de Gutenberg. Lia em voz alta os clássicos — *O romance dos três reinos*, *Jornada ao Oeste* — e inculcou nos filhos o sonho do renascimento da China. Deu ao quarto filho o nome de Zhengyi, que significa “justiça”.

Quando menino, Lin se questionava por que, apesar da gloriosa história da China, sua família mal conseguia se alimentar. O irmão mais velho não perguntava à mãe se haveria almoço, porque era uma indagação incômoda. “Ele encostava no fogão. Se estivesse quente, íamos ter almoço”, recordava-se Lin. Do contrário, passavam fome. Para Lin, a experiência o fez desenvolver uma tendência altamente pragmática. Passou a ver as questões de dignidade humana através das lentes da história e da economia.

Na adolescência, tinha fascínio por feitos de engenharia — as façanhas de líderes chineses de antigamente, como Li Bing, governador, no século III a.C., da atual província de Sichuan, que decidiu controlar enchentes mortais investindo por oito anos na abertura de um canal através de uma montanha. Contou com milhares de operários, que aqueciam as rochas com fogueiras alimentadas a feno e as resfriavam com água para rachá-las. O resultado foi um sistema de irrigação tão vasto e duradouro que costuma ser comparado às maravilhas do mundo; e transformou uma das partes mais pobres do país numa região tão fértil que hoje é conhecida como Terra Celeste.

Lin era o mais promissor dos filhos, e em 1971 conquistou uma cobiçada vaga na Universidade Nacional de Taiwan para aprender mais sobre irrigação. Para pagar seus estudos, os três irmãos deixaram a escola e foram trabalhar na barbearia do pai. Lin entrou na faculdade justamente quando o campus foi tomado por intensas discussões sobre o futuro de Taiwan e da China continental. Durante anos, os jovens de Taiwan tinham aprendido na escola que o continente era governado por “bandidos comunistas” e “demônios”. O Partido Nacionalista usava essas ameaças para justificar a lei marcial, e cometia abusos generalizados contra os direitos humanos de adversários políticos e simpatizantes do comunismo.

Quando Lin chegou ao campus, porém, a situação de Taiwan se deteriorava. Em julho de 1971, o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, anunciou uma visita a Beijing. O continente estava ganhando influência. Em outubro, a ONU decidiu tirar a cadeira de Taiwan na Assembleia Geral e concedê-la à República Popular, reconhecendo seu governo como o legítimo representante do povo chinês. Nesse clima, Lin Zhengyi encontrou sua voz. Elegeu-se representante de classe dos calouros e se tornou um dos jovens ativistas mais fervorosos de Taiwan. Num comício estudantil intitulado “Guerra aos bandidos comunistas infiltrados nas Nações Unidas”, ele pegou o microfone e propôs um protesto em toda a ilha, ideia tão radical na época da lei marcial que nem mesmo seus colegas ativistas tiveram coragem de apoiá-la. Noutra ocasião, ameaçou fazer greve de fome, mas foi dissuadido pelo reitor.

Quando anunciou sua transferência para uma academia militar, disse aos repórteres: “Se minha decisão de ingressar nas Forças Armadas puder despertar o nacionalismo em todos os jovens [...] seu impacto será incomensurável”. Mas havia também razões práticas: na academia militar poderia estudar de graça e ainda receber um estipêndio.

Na casa de um amigo, em seus tempos de faculdade, Lin conheceu uma jovem chamada Chen Yunying, ativista que estudava literatura na Universidade Nacional de Chengchi. Casaram-se depois da formatura e tiveram um filho. Lin passou dois anos cursando mestrado em administração e em seguida foi designado para chefiar uma companhia na ilha de Quemoy, conhecida durante a Guerra Fria como “o farol do mundo livre”, por ser a última porção de terra antes do litoral comunista. Os dois lados haviam bombardeado um ao outro de maneira tão feroz em certa época que os militares de Taiwan escavaram toda a ilha para construir bunkers, refeitórios subterrâneos e um hospital encra-

vado tão profundamente na montanha que seu projeto permitiria sobreviver a um ataque nuclear.

Quando Lin chegou lá, em 1978, a guerra era mais psicológica do que física. Os exércitos ainda lançavam bombas, mas só em datas previstas: o continente disparava nos dias ímpares; Taiwan, nos pares. Basicamente, duelavam com propaganda. Irritavam um ao outro com enormes e potentes alto-falantes, e usavam balões de ar quente para jogar folhetos. Um dos lados lançava para o outro, pelo mar, contêineres de vidro carregados de fardos de produtos destinados a atrair desertores com ilusões de prosperidade. Taiwan mandava pôsteres e miniaturas de jornais que falavam sobre o mundo exterior, roupas íntimas limpas, cassetes de música popular, instruções para construir um rádio rudimentar e promessas de glória e de moedas de ouro para quem desertasse. O continente respondia com bebidas, chá, melões e panfletos com fotos de sorridentes diplomatas e cientistas taiwaneses que para lá tinham fugido — ou, como dizia o partido, haviam “trocado a escuridão pela luz”.

Em dezembro de 1978, Jimmy Carter anunciou que os Estados Unidos reconheciam oficialmente o governo comunista de Beijing, e rompiam relações diplomáticas formais com Taiwan. A notícia sepultou qualquer esperança de que a ilha pudesse recuperar o controle do continente. Em Taiwan, como disse um correspondente, as pessoas ficaram “nervosas como um gato que tentasse atravessar uma rua com o trânsito piorando a cada minuto”. No ano-novo de 1979, o governo de Beijing anunciou a suspensão do bombardeio militar de Quemoy e divulgou um apelo ao povo de Taiwan afirmando que “o brilhante futuro [...] pertence a nós e a vocês. A reunificação da pátria-mãe é a missão sagrada de que a história incumbiu nossa geração”. Segundo o texto, “a construção avança vigorosamente na pátria-mãe”.

Em 16 de fevereiro, Lin foi transferido para mais perto do continente, como encarregado de um minúsculo posto de comando num local chamado Monte Ma, conhecido entre os soldados como “a linha de frente do universo”, a última ponta de terra seca. Era um posto de prestígio, mas, de acordo com investigadores militares, Lin não gostou da transferência porque o deixava abandonado nas ilhas quando podia estar lecionando na academia militar, ou se candidatando a um alto cargo militar. Seu posto era a escala favorita de líderes políticos que queriam ser fotografados na linha de frente em companhia de jovens patriotas fardados. Em abril, ele tirou licença para ver a família e os amigos; uma noite disse a um velho colega de classe, Zhang Jiasheng, que achava que Taiwan só iria para a frente se o continente prosperasse.

Quando voltou a Monte Ma, Lin se viu tão perto do continente que de binóculo dava para enxergar o rosto dos soldados do Exército de Libertação Popular. Seu pensamento já tinha começado a dar uma guinada brusca. Embora Taiwan e os comunistas fossem inimigos, a população em geral via neles as duas metades do mesmo clã, com uma história e um destino comuns. Como na Guerra Civil Americana, algumas famílias foram separadas fisicamente. Num desses casos, um homem cuja mãe o tinha mandado fazer compras no continente pouco antes de os comunistas interromperem o tráfego de navios só voltou para casa quarenta anos depois.

Nos primeiros anos depois da separação, alguns soldados tentaram fazer a travessia a nado para o continente, mas correntes violentas circundavam as ilhas, e os desertores eram jogados de volta, exaustos, e presos como traidores. Para desencorajar deserções, o Exército destruiu a maior parte dos barcos pesqueiros da ilha, e os poucos que restaram precisavam ter seus remos travados à noite. Com o passar dos anos, qualquer coisa que pudesse ser transformada em ferramenta de flutuação — uma bola de

basquete, um pneu de bicicleta — precisava ser registrada, como se fosse uma arma, e o Exército fazia verificações em toda a ilha, batendo de porta em porta, para ver se não faltava nenhuma bola ou câmara de ar.

Naquele início de 1979, um soldado já tinha feito uma rara tentativa de desertar, mas também fora capturado. Lin não desanimou. Achava que tinha um plano melhor, mas queria minimizar o impacto que sua decisão teria sobre os superiores. A transferência de posto estava prevista para maio; ele acreditava que, se desertasse durante a transição, os oficiais poderiam culpar uns aos outros por deixarem de perceber os indícios de sua fuga e, com isso, serem menos responsabilizados. Para melhorar ainda mais a situação, a primavera na ilha é a estação do nevoeiro, quando o ar úmido se encontra com a água fria do mar e cobre o litoral com uma cortina cinzenta, um manto talvez denso o suficiente para ocultar uma figura que escorregasse para dentro das ondas.

A cada dia de primavera, as correntes ganhavam corpo, e no verão já seriam bastante fortes para devolver um homem à praia, por mais que lutasse contra as ondas. Se ia nadar até a China continental, era melhor que Lin o fizesse logo.

Na manhã de 16 de maio, ele estava em seu posto de comando. Pediu ao secretário de companhia Liao Zhenzhu que lhe mostrasse a última tábua de marés. A maré alta viria às quatro da tarde, e em seguida começaria a recuar.

Naquela noite, depois do pôr do sol, Lin esteve numa reunião no quartel do batalhão e voltou para jantar em Monte Ma. Às 20h30, um secretário de companhia chamado Tung Chin-yao passou por sua mesa para dizer que iria ao quartel do batalhão buscar um novo soldado. Tung retornou uma hora depois, mas Lin já não estava no refeitório.

Também não estava nos alojamentos. Às 22h50, dois capitães da divisão registraram sua ausência no livro de ocorrências e organizaram uma equipe de busca. Por volta da meia-noite, comandantes já tinham ordenado uma varredura completa em toda a ilha — uma Operação-Relâmpago, como a chamavam —, envolvendo 100 mil pessoas, incluindo militares e civis; homens, mulheres e crianças. Arrombaram armazéns rurais e vasculharam reservatórios com varas de bambu. Então os investigadores encontraram a primeira pista: no fim de uma trilha crivada de minas, de Monte Ma para a praia, estavam seus tênis, marcados com os caracteres que identificavam o “Comandante de Companhia”. Numa busca em seu quarto deram pela falta de vários artigos: um cantil, uma bússola, um estojo de primeiros socorros, a bandeira da companhia e um colete salva-vidas.

Àquela altura, Lin estava muito à frente deles. Do posto de comando, atravessara menos de trezentos metros para chegar às pedras marrom-acinzentadas da praia. Dali esgueirou-se para entrar nas ondas. Calculou que precisava estar na água antes da maré baixa das dez da noite, para que a força do mar o arrastasse para longe da terra. Tomara outra providência crucial. De acordo com investigadores militares, dois dias antes da travessia, Lin inspecionou os postos de sentinela ao longo da costa e falou com os jovens recrutas incumbidos de vasculhar o horizonte. Contou-lhes uma anedota estranha: se à noite vissem nadadores que não parecessem prontos a atacar, não era preciso atirar; provavelmente não passavam de “espíritos das águas” e, se atirassem, arriscavam-se a ser castigados por eles. Superstições sobre presságios e espíritos abundavam em Taiwan, e o comentário casual de um comandante bastava para fazer um adolescente nervoso pensar duas vezes antes de soar o alarme sobre uma misteriosa agitação no mar noturno.

Lin nadou com vigor e velocidade. A corrente o puxava, mas ele logo estava longe dos baixios e sozinho nas negras profundezas, envolvido por água e céu. Só precisava chegar à metade do canal, pois dali em diante a maré montante o arrastaria pela outra metade.

Avançou em nado livre até cansar, depois flutuou de costas para recobrar as energias. Três horas depois, com as pernas latejando e anestesiado pelo frio, estava perto da terra firme. Era a borda mais oriental do solo chinês — a Ilhota de Horn. Tinha apenas 25 hectares de areia e pequenas moitas de palmeira, ocupada somente por postos de guarda e peças de artilharia dos chineses. Ele sabia que a praia estava impregnada de minas terrestres. Procurou em sua roupa a lanterna que levava guardada numa sacola de plástico. Os dedos enregelados custaram a abrir o botão. Ele piscou a luz algumas vezes, fazendo sinal para as tropas chinesas, que começaram a se concentrar na praia.

Lin chegou à porção rasa. Suas expectativas eram grandes: os panfletos comunistas prometiam uma recepção digna dos heróis e recompensas em ouro e dinheiro vivo. Mas, no escuro, um soldado chinês entrou sozinho na água, aproximou-se de Lin Zhengyi e deu-lhe voz de prisão.